



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FABIELI STRAPASSON

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

LONDRINA
2010

FABIELI STRAPASSON

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação,
Curso de Pedagogia, da Universidade
Estadual de Londrina.

Orientadora: Prof^ª. Marta Silene Ferreira
Barros

LONDRINA
2010

FABIELI STRAPASSON

**A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de Educação,
Curso de Pedagogia, da Universidade
Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de _____ de ____.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e incentivaram ao longo do curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Marta Silene Ferreira Barros pela orientação e atenção neste trabalho.

À professora Heloisa Toshie Irie Saito que me acompanhou ao longo de quase dois anos, dispondo de atenção e habilidade para a elaboração deste trabalho.

Aos amigos que deram força e motivação durante todos os momentos.

Gostaria de agradecer também aos meus pais pela compreensão nos momentos difíceis e por me darem esperança e condições para continuar o curso e concluir este trabalho.

Epígrafe

O sucesso é uma consequência e não um objetivo.

Gustave Flaubert

STRAPASSON, Fabieli. **A importância do brincar para o desenvolvimento infantil. 2010.** 41 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

RESUMO

Ao longo das últimas décadas a educação infantil passou a ser valorizada na sociedade, porém estudos a respeito de atividades lúdicas dentro desses espaços de educação são muito recentes. Analisando o universo infantil foi possível perceber a importância das brincadeiras para o desenvolvimento integral da criança o que instigou a pesquisa a respeito da brincadeira nos espaços de educação infantil. Sendo assim, neste trabalho foi utilizada a pesquisa bibliográfica para analisar a importância do Brincar na Educação Infantil. No primeiro capítulo foi feita a retomada histórica a partir da Antiguidade até os nossos dias, utilizando nessa análise tais categorias: Criança, Infância, Lúdico, Jogo e Educação, as quais permitem compreender o brincar na Educação Infantil ao longo da história. No segundo capítulo discorreremos sobre a importância do brincar na educação infantil e suas contribuições na vida da criança. Assim, o lúdico pode ser utilizado na educação infantil como um recurso de aprendizagem, auxiliando a criança na compreensão dos conhecimentos e promovendo um desenvolvimento pleno.

Palavras-chave: Brincar. Educação Infantil. Infância. Lúdico.

STRAPASSON, Fabieli. **The importance of playing for children's development.** 2010. 41 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

ABSTRACT

Through the last decades, child education became to be valued by society, but research about playful activities inside this area of education is very recent. Analysing the children's universe it was possible to perceive the importance of child games for the whole children's development, which called up for research involving child games in children's education. In this way, in doing this assignment, a bibliographic research was used to analyse the importance of playing in child education. In the first chapter a link to the past was made from the antiquity to nowadays, using these categories: Child, Childhood, Playful, Games and Education, which let us comprehend the playing in child education through the history. In the second chapter, we expatiate about the importance of playing in child's education and its contributions in children's life. By that, the playful can be used in child education as a learning resort, supporting the child in knowledge comprehension and promoting a complete development.

Key words: To Play. Child education. Childhood. Playful.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - CRIANÇA, INFÂNCIA, LÚDICO, JOGO E EDUCAÇÃO: CATEGORIAS QUE PERMITEM COMPREENDER O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	11
CAPÍTULO 2 - CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discutiremos as contribuições do brincar no desenvolvimento infantil, por entendermos que o brincar faz parte do universo infantil e que a criança brinca tanto sozinha quanto com outras pessoas (adultos ou crianças). Ocorre que, algumas vezes, esse brincar não é valorizado nem pela família nem pela escola. Na atualidade, pelo fato de os responsáveis pelas crianças precisarem trabalhar, os pequenos passam boa parte da infância numa instituição, seja pré-escola ou creche, particular na maior parte das vezes. Dessa forma há de se pensar se tanto esses responsáveis quanto os profissionais da educação reconhecem a relevância da brincadeira para a formação infantil.

O interesse em aprofundar e pesquisar tal assunto surgiu por causa de experiências em estágios não curriculares em instituições de educação infantil particulares, juntamente com o conhecimento sobre o assunto por meio de disciplinas no curso de pedagogia. Com as observações e os conteúdos estudados, percebemos que muitas vezes a criança não é valorizada em sua singularidade, nesse sentido, percebe-se que seu direito de brincar é deixado de lado por rotinas pouco flexíveis. A partir dessas informações a curiosidade no assunto aumentou, fazendo com que se originasse o problema/tema do presente trabalho: qual a contribuição do brincar no desenvolvimento das crianças? Tendo por objetivo discutir e analisar tais contribuições.

Optamos por fazer este trabalho por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando diferentes materiais como: livros, artigos e periódicos de diversos autores que abordam a importância do brincar na educação infantil. Para organizá-lo resolvemos estruturá-lo em duas partes. Num primeiro momento, analisamos cinco categorias que nos permitiram compreender melhor o brincar, são elas: criança, infância, lúdico, jogo e educação. Tal análise foi feita em diferentes momentos da história, pois essa trajetória nos permitiu compreender as mudanças acerca do brincar ao longo dos séculos. Nossa análise começa na Antiguidade (4000 a. C. até século V d. C) e se estende até os dias atuais, primeiramente com uma perspectiva global e depois contextualizando o Brasil. Dando continuidade ao primeiro capítulo, fizemos uma diferenciação entre jogo, brinquedo e brincadeira, uma vez que o brincar aborda essas três especificidades, as quais são, muitas vezes, confundidas.

Ao final do primeiro capítulo explicaremos que, como apresentado, muitos dos autores citados no decorrer do trabalho, como Queiroz (2006), Frisã e Bortoluzzi (2004) e Cória-Sabini e Lucena (2004), defendem o brincar como importante para a criança e assim, pode ser usado como recurso na educação infantil.

A partir da retomada histórica e das considerações em relação ao brincar, num segundo momento, discutimos as contribuições desse brincar no espaço de educação infantil, utilizando os pressupostos teóricos de Vygotsky, pois concordamos que os indivíduos aprendem muito uns com os outros e pensando no espaço de educação infantil, este é extremamente rico em relações, porque há em tal espaço tanto a figura do adulto quanto crianças de diferentes idades. Neste sentido, defendemos que as relações sociais contribuem de maneira significativa para o desenvolvimento humano.

Vygotsky (1998) ainda aborda a questão do brincar, sendo assim, utilizamos diversos autores que o apóiam e trazem contribuições para o desenvolvimento do nosso tema. Ao longo das discussões, percebemos a importância que o profissional de educação infantil tem, pois ele estará em contato com a criança durante um longo período e será o responsável por organizar as atividades que serão realizadas nesse espaço de tempo, sendo assim, mencionamos a importância do planejamento e da conscientização do papel do professor em relação à criança, uma vez que para este trabalhar de maneira lúdica visando o aprendizado da criança, este profissional deverá saber a importância que a brincadeira tem e que utilizar atividades lúdicas também exige planejamento.

Assim, salientamos que a utilização de brincadeiras como recurso pedagógico na educação infantil pode ser muito proveitosa para a criança auxiliando no seu desenvolvimento, desde que seja significativa para a criança.

CAPÍTULO 1

CRIANÇA, INFÂNCIA, LÚDICO, JOGO E EDUCAÇÃO: CATEGORIAS QUE PERMITEM COMPREENDER O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL AO LONGO DA HISTÓRIA

Esse capítulo pretende retomar historicamente, desde a Antiguidade até os dias atuais, a ideia que se tinha de criança, infância, lúdico, jogo e educação, pois acreditamos que é preciso analisar historicamente pensadores, historiadores e educadores para se compreender as concepções que temos nos dias atuais em relação à criança. Posteriormente, definiremos alguns termos que são muito usados quando falamos da criança e que também acabam sendo facilmente confundidos; são eles: jogo, brincadeira e brinquedo, termos comumente vinculados com atividades lúdicas proporcionadas aos pequenos, inclusive em espaços escolares.

Quando assistimos a filmes da Antiguidade (período que se estendeu desde a invenção da escrita, 4000 a. C. a 3500 a. C., até o século V d.C) que se remetem à Grécia e Roma, principalmente, é comum ficarmos chocados com o que se passa com as crianças, pois não há preocupação com as mesmas, nem distinção dos adultos. Segundo Berutti (2002) em tal época predominava a conquista de territórios para fazer com que os reinos crescessem, para isso precisavam de homens fortes para suportar os campos de batalha e as constantes guerras.

É sabido que em Esparta crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais eram consideradas sub-humanas, o que legitimava sua eliminação ou abandono, prática perfeitamente coerente com os ideais atléticos e clássicos, além de classistas, que serviam de base à organização sócio-cultural de Esparta e da Magna Grécia (PESSOTI, 1933, p.3).

Segundo Pessoti (1933), isso ocorre principalmente em Esparta, onde as crianças que nasciam com qualquer tipo de deficiência eram assassinadas, pois não 'serviam' para a cidade, assim como as mulheres, pois para a guerra o que lhes interessava eram homens.

Em Esparta as pessoas não valorizavam a infância, na realidade não viam a criança como um ser com direitos, como é atualmente. Desde pequena a criança era treinada para batalhas. Em contrapartida havia Atenas, considerada uma poderosa Cidade-Estado da época, cuja população era mais intelectual e valorizava a educação, sendo importante a plena formação do sujeito para tornar-se cidadão, porém, somente os meninos a partir dos sete anos de idade é que tinham acesso à educação formalizada, o que englobava alfabetização, música, inclusive a poesia, artes e educação física, pois o objetivo era a educação moral, física e psicológica.

No que se refere ao jogo, Kishimoto (2000), aponta que os Greco-Romanos viam o jogo como recreação, relaxamento físico e intelectual afirmando que na Grécia e Roma surgiram os primeiros estudos em jogos educativos. Afirma ainda que Platão (427 - 347 a.C.) e Aristóteles (384 – 322 a.C.) procuraram usar jogos para que as crianças aprendessem, de maneira que enquanto a criança brinca, ela imita a realidade, as coisas sérias da vida. Sendo assim, acreditavam que o lúdico influenciava na aprendizagem da criança.

De maneira geral, na Antiguidade, a infância não era valorizada, tão pouco conhecida, mesmo tendo em Atenas uma preocupação com a educação.

Com a Idade Média (século V a XV), a situação não muda muito. O avanço dos séculos não foi acompanhado pela conscientização, uma vez que os homicídios não foram extintos e o abandono das crianças tornou-se comum quando elas não eram aceitas, por diversos motivos, por exemplo, se nascesse uma menina ou um filho bastardo, ou tivesse alguma deficiência. Conscientização de que criança é um ser de direito não existia na época e um aspecto que continuava desde a Antiguidade era que a criança seguia os anseios do pai, já que era ele quem tomava as decisões da sua vida. A respeito disso Pessoti (1933) comenta:

De um modo geral, até a difusão do cristianismo na Europa, a sorte dos deficientes mentais e de outras pessoas excepcionais é praticamente a mesma, nas regiões européias, o que não é surpreendente uma vez que até a mulher normal só adquire status de pessoa, no plano civil, e alma, no plano teológico, após a difusão européia da ética cristã (p.3).

Quanto ao lúdico, de acordo com Henriques e Almeida (2005), Carlos Magno (747-814) manteve as ideias da Antiguidade. Criou centros de ensino em seu palácio que ficavam aos cuidados de Alcuíno de York (735-804), monge e

professor, o qual acreditava que deveria ensinar brincando, divertindo, e por isso utilizava jogos, enigmas e piadas para ensinar. Nessa época era comum os professores se dirigirem aos seus alunos de maneira informal, porém, esses ideais mudaram com a ascensão do Cristianismo.

Na metade da Idade Média o Cristianismo tomou força e a partir disso a criança passou a ser considerada um ser como os adultos, mas, ainda assim, durante algum tempo, apesar de a criança ser reconhecida, a infância e o papel dessa criança ainda não eram reconhecidos, pois ela era vista como um adulto em miniatura. Isso fica claro com Debesse e Mialartet (1974) quando afirmam: “Nova maneira de vestir as crianças é muito mais que nova moda, é a nova maneira de compreender a infância. Ao longo do século XVII, as crianças são vestidas como gente grande, e esse costume as entala, as aperreia, as constrange” (p.283). Já no século XVIII “a roupa da criança vai diferenciar-se da roupa da gente grande [...] e é a Rousseau que atribui-se o mérito de haver restituído à infância essa liberdade preciosa” (p.284).

Foi Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), filósofo e escritor Iluminista, pioneiro do Romantismo, que superou a ideia de que a criança era um adulto em miniatura, ele valorizava a criança, a via como ser único.

Nunca sabemos colocar-nos no lugar das crianças; não penetramos em suas idéias, emprestamo-lhes as nossas; e seguindo sempre nossos próprios raciocínios, com cadeias de verdades só enchemos suas cabeças de extravagâncias e erros. (ROUSSEAU, 1968, p.179-180).

Ele acreditava no homem livre o que, logicamente, se aplicava à criança; acreditava, também, na “centralidade das necessidades mais profundas e essenciais da criança, ao respeito pelos seus ritmos de crescimento e à valorização das características específicas da idade infantil”, (CAMBI, 1999, p.346) e ainda, que a educação era função do Estado juntamente com a família e que a criança tinha um papel importante para a sociedade.

Nesse momento histórico a concepção de jogo sofre algumas alterações. Com a predominância cristã, os bons costumes ganharam foco e a educação era extremamente disciplinada de modo que tudo que não fosse do agrado da Igreja era considerado pecado. Kishimoto (2003) coloca que nesse contexto o jogo acabou assumindo um caráter negativo, por ser associado com os

jogos de azar e baralho. Com isso, as brincadeiras das crianças passaram a ser vistas como ações não-sérias, que seriam ações opostas ao trabalho, considerada futilidade, e ainda, visto de maneira negativa e como mera bagunça e desordem.

Um pouco depois, com o Renascimento, período que marca o fim da Idade Média e começo da Idade Moderna, o olhar em relação ao jogo mudou; ele passou a servir “para divulgar princípios de moral, ética e conteúdos de história, geografia e outros [...] vê a brincadeira como conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência e facilita o estudo” (KISHIMOTO, 2000, p. 28).

Para Ariès (1973, p.40-51) não se pensou na infância até o final do século XVII, somente a partir desse momento a criança passa a se diferenciar do adulto e há preocupação em colocá-la na escola. Essa mudança ocorreu a princípio com os nobres, e ainda, houve uma sensibilização, cumplicidade da família com a criança. Esse é um avanço se tratando da criança, pois não víamos esse tipo de atitude até então. Salienta Ariès (1973, p. 65) que o século XVII foi muito importante para a infância e que “foi também nesse século que os retratos de família, muito mais antigos, tenderam a se organizar em torno da criança, que se tornou o centro da composição”.

O autor relata sobre a espontaneidade da criança, que é reforçada no período do Romantismo, século XVIII. Nessa época o poeta era extremamente valorizado por utilizar a poesia para se expressar e a criança foi comparada a ele, pois se expressa por meio dos jogos e brincadeiras. E ainda, reforçando o pensamento de Rousseau o qual acredita que o homem é naturalmente bom, o Romantismo

[...] reconhece na criança uma natureza boa, semelhante à alma do poeta, considerando o jogo sua forma de expressão. Mais que um ser em desenvolvimento com características próprias, embora transitórias, a criança é vista como ser que imita e brinca dotada de espontaneidade e liberdade (KISHIMOTO, 2000, p.30).

De acordo com Kuhlmann (1998), por volta do século XVII a criança deixa de ser confundida com o adulto, havendo a inserção desta na escola começando pelas famílias nobres. Dessa forma pode-se dizer que a criança foi sendo valorizada, existindo preocupação com ela, com sua infância e sua educação; primeiramente com as famílias mais abastadas e posteriormente com as que têm menos condições. Passou-se a pensar no psicológico, na personalidade infantil. Isso

ocorreu com o envolvimento da família, e o cuidado com a criança passou a melhorar.

A Idade Moderna é um período de transição e é um tanto curto, se comparado com a Idade Média que durou dez séculos. Assim como o Renascimento marca tal época, a mudança do sistema econômico feudal para o capitalismo também, pois é a partir do século XVII que o capitalismo se fortalece, através da Revolução Industrial e com a Revolução Francesa, no século XVIII, termina a Idade Moderna.

Pode ser observado até aqui que os cinco aspectos que tentamos contextualizar tiveram momentos divergentes ao longo dos séculos. A criança, assim como a infância passa a ganhar valor e respeito na sociedade, de maneira lenta e gradual; a educação segue o mesmo caminho, sendo a princípio, privilégio para as classes mais abastadas; já o jogo tem uma trajetória complexa, pois há momento que é considerado bom e outros que é visto como inútil e negativo. Porém, ele volta a assumir papel importante para as crianças, com o Renascimento, e essa função tenderá a evoluir na Idade Contemporânea.

As mudanças em relação ao jogo, assim como sua importância para a criança, ocorreram de maneira lenta e gradual, porém, a partir do Renascimento o jogo foi caracterizado como positivo, e investigações a respeito do assunto começaram. Ao longo desse contexto o sistema capitalista se instaura e surge a necessidade de mão-de-obra, nesse momento as mulheres entram no mercado de trabalho e começa a se pensar na criança, pois esta precisa de um lugar para ficar. Somente nos dias de hoje esses lugares são mais adequados, havendo tanto o cuidado quanto a educação. Tal processo foi lento, porém as mudanças foram significativas.

No século XIX surgem as creches no continente europeu, o que só ocorre no Brasil, no século seguinte. Primeiramente falaremos da Europa para depois contextualizar o Brasil.

Originalmente as creches serviam para que os pais pudessem deixar seus filhos enquanto trabalhavam e isso se deu pelo desencadeamento da Revolução Francesa¹, que possibilitou a saída das mulheres das suas casas para

¹De acordo com Souza (2010) a Revolução Francesa aconteceu em 1789, e alterou o quadro político do país. Tal acontecimento teve influencia iluminista e foi um marco histórico, pois aboliu a servidão e deu início à Idade Contemporânea.

entrarem no mercado de trabalho, tendo assim que deixar seus filhos em algum lugar. Antes mesmo de se instituir as creches, as crianças eram deixadas com vizinhos ou parentes, de modo que podemos perceber que nesses locais não recebiam educação e mesmo a saúde era precária, pois eram apenas cuidadas. Isso também era dificultado por causa do grande número de crianças que ficavam em uma mesma casa, pois as pessoas que cuidavam das crianças eram pagas para tal ação. De acordo com Kuhlmann (1998), foi nesse contexto que surgiu o caráter assistencialista das creches. Quando estas foram se instituindo, tinham um caráter higienista, pois a taxa de mortalidade de crianças era extremamente alta por falta dos cuidados básicos necessários, e ainda, eram destinadas às famílias menos abastadas.

Passa a se pensar na criança de maneira mais significativa por volta dos anos de 1800 quando Frederich Froebel (1782-1952) cria o 'Kindergarten', jardim de infância, uma instituição destinada à educação infantil. E é nesse aspecto que Froebel se destaca, pois ele não procurava prevalecer o cuidado das crianças, mas sim a educação, considerando muito importante os jogos na educação infantil, assim como a relação familiar e a construção cultural, objetivando "aproximar pedagogia e sociedade e atribuir uma função sociopolítica ao processo educativo" (KISHIMOTO e PINAZZA, 2007, p.38).

As autoras salientam ainda que apesar de Froebel não privilegiar o cuidado, ele se preocupava com:

[...] a formação de quem cuidaria das crianças, ou seja, as mulheres – mães e jovens educadoras. Nesse sentido, a Escola de Treinamento para Cuidadoras e Educadoras de Criança, criada em Keilhau em 1847, tinha como objetivo preparar mulheres jovens para uma prática educativa baseada no desenvolvimento, na compreensão, na criatividade e na formação da personalidade da criança, tanto no plano individual quanto no coletivo (2007, p.41).

Nesse momento surgiu apenas a preocupação com quem atenderia as crianças e Froebel começou treinar mulheres que exerceriam tal função. Porém essa questão do cuidado perdurou por décadas e a educação infantil apesar de ser entendida como importante para Froebel demorou algum tempo para se concretizar.

Após a iniciativa de Froebel outras creches e instituições infantis começaram a se tornarem educativas. Para ele, educação é promoção de

desenvolvimento e aquisição de conhecimento, sendo seu eixo a espontaneidade da criança; além disso, enfatiza a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de aprendizagem das crianças, de acordo com Kishimoto e Pinazza (2007, p.46). As autoras ainda comentam uma situação que podemos usar como exemplo: o bebê, que no contato com a mãe, brincando com o corpo e os objetos, aprende, se conhece e conhece o mundo (p.47-48). Nesse aspecto podemos dizer que ele se assemelha à Vygotsky, pois ambos, dentre diversos outros autores, afirmam que brincar não é algo trivial, é sério e significativo.

Segundo Kishimoto e Pinazza, para Froebel a criança “expressa intenções em contato com o mundo externo” (2007, p.45 e 46) quando brinca, e o adulto tem papel importante, tanto a mãe, como citado acima, por ser a primeira pessoa que o bebê tem contato, quanto de qualquer outro adulto, pois a criança aprende com o adulto, e não se pode esquecer que o adulto também aprende com a criança. Assim a professora, por exemplo, tem um papel fundamental na orientação das atividades infantis.

Percebe-se ao longo da história que o Brasil costuma seguir modelos de outros países, nesse caso segue modelos europeus, não rigorosamente nem instantaneamente. Então, quando falamos que as creches surgem no século XIX, no Brasil tarda um século.

Segundo Oliveira (2002, p. 91) a situação do século XIX no Brasil era de escravidão e a população vivendo, predominantemente, na zona rural, nas fazendas. Esse contexto mudou no meio do século quando houve a abolição da escravidão e a população passou a migrar para a zona urbana.

Com a população se aglomerando na zona urbana as cidades ficaram superlotadas e a higienização era precária, aumentando as doenças, tanto nos adultos quanto nas crianças. As mulheres passaram a sair de casa em busca de trabalho e as crianças foram ‘deixadas de lado’, a atenção para seus cuidados diminuíram provocando falecimentos.

Oliveira (2002, p. 92-93) ainda comenta que a mortalidade infantil na época era grande e iniciativas de proteção à infância eram isoladas. Aos poucos foram surgindo creches e asilos infantis destinados a atender as crianças pobres e abandonadas; eram locais mantidos pelo poder público que meramente guardavam as crianças, havendo assim discórdia porque criticavam que o poder público fosse o

responsável por tais crianças. Sendo assim, no Rio de Janeiro foram criados jardins de infância privados, para atender as camadas mais altas da sociedade.

Até então, o lúdico e o jogo não eram de conhecimento da sociedade brasileira, assim como a infância, pois a escravidão acabara de ser abolida e nem estes eram considerados pessoas de direitos. A educação pouco fazia parte do cotidiano da sociedade, mas esse contexto sofre mudanças com a urbanização, e somente com o desenvolvimento das escolas, puderam pensar na educação das crianças.

De acordo com Oliveira (2002, p.94-97) com a urbanização, houve mudanças na estrutura familiar. As mulheres passaram a sair de casa para trabalhar nas indústrias e fábricas; nesse contexto surgem as 'criadeiras', que eram mulheres que se dispunham a cuidar das crianças em troca de dinheiro. As crianças eram cuidadas nas próprias casas dessas mulheres e por não haver muito cuidado e boa condição de higiene essas mulheres foram chamadas de 'fazedoras de anjos' por causa da mortalidade infantil. Elas ganhavam para cuidar das crianças, mas consideram que estavam fazendo caridade.

Com a urbanização o número de pessoas nas cidades aumenta, e estas são oriundas tanto das zonas rurais quanto de outros países, e todos procuram empregos, assim como as donas de casa cuidavam dos filhos das trabalhadoras, os imigrantes iam às fábricas por serem mão-de-obra barata.

Ainda segundo a autora, Oliveira (2002, p. 99-101), por causa do grande número de imigrantes, havia muitas manifestações operárias, e para contê-los, alguns empresários concediam benefícios, fundavam vilas operárias, clubes esportivos e criaram algumas creches no ambiente das fábricas, em locais próximos para que as mulheres pudessem ir trabalhar, mesmo amamentando, pois a criança estava perto e elas poderiam atendê-la quando necessário.

Havia algumas creches fora das fábricas, mantidas por filantropia e entidades religiosas, mas de maneira geral, todas tinham caráter assistencial-protetoral. Isso começou a mudar por volta de 1940, quando o Brasil adotou alguns modelos americanos de que era importante o psicólogo na educação infantil, para cuidar também da saúde mental das crianças, uma vez que ao longo do século os cuidados higiênicos têm sido melhorados e há vínculo do Ministério da Saúde com o Departamento Nacional da Criança. É nesse contexto que se começa a pensar a

educação da criança no Brasil, porém o que se via ainda era o predomínio do assistencialismo.

O jogo ainda não fazia parte do contexto educacional da criança, uma vez que as creches eram voltadas para o cuidado, nem a própria educação era aplicada aos pequenos. Pensando nessa trajetória, o lúdico não era considerado importante, mas a criança estava começando a ganhar espaço e atenção da sociedade.

O reconhecimento da Educação só acontece com a Constituição de 1988, sendo direito da criança e dever do Estado. Porém, isso não significa que todas as instituições passaram a assumir o caráter educativo da educação infantil, pois vemos ainda muitas instituições que têm predominância do cuidado, e mesmo assim, sem o devido reconhecimento da importância do cuidar bem das crianças. E ainda, não sabem aplicar os pressupostos teóricos de uma educação de qualidade, nem adotar estratégias de aprendizado como o uso de jogos pedagógico e educação de maneira lúdica. Uma vez que é melhor para a criança que o cuidar e o educar estejam unidos no cotidiano da instituição e o brincar seja reconhecido como importante.

Ao longo dos séculos a criança foi sendo valorizada, mas somente no final do século XIX surgiu um Instituto de proteção à infância no Brasil, e no século XX é que são elaboradas leis que lhes dão direitos e deveres. Alguns exemplos de leis que valorizam a criança, infância ou educação infantil são: a Declaração Universal dos Direitos da Criança, publicada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 1959, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases de 1961 e o principal, que é específico para a criança, o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. E ainda, houve um movimento que resultou em reformas educacionais, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932.

Essas leis a favor da criança, bem como de sua educação, permitem que ela seja envolvida na sociedade em que vive. E Kuhlmann (1998) realça, falando da educação infantil como um meio de integrar a criança na sociedade e que os brinquedos são instrumentos pra essa integração, podendo ser usados como meios educacionais por proporcionarem diferentes sensações na criança, desenvolver a criatividade, o intelecto dentre outros aspectos.

De qualquer maneira, a trajetória da educação infantil é recente e se move lentamente, ainda há muito que se aprimorar para uma educação de qualidade. Há muito que se estudar para compreender também a importância do caráter lúdico na educação.

Para entender a importância do lúdico na educação infantil é necessário entender o que é o lúdico, e de acordo com alguns autores como Frizão e Bortoluzzi (2004) e Pereira (2002) lúdico é brincar, explorar, inventar, imaginar, movimentar-se, é quando a criança transforma a atividade em brinquedo.

A partir disso, iremos definir o que é jogo, brincadeira e brinquedo, para podermos focar a diferença entre jogo e brincadeira. A explicação para o foco ser nesses dois conceitos específicos é que muitos autores, como Bortoluzzi (2004), nomeiam o jogo como uma atividade em que a criança brinca, não distinguindo assim a brincadeira, como faz, por exemplo, Kishimoto (2000). Esses diversos entendimentos são comuns, pelo fato das pessoas interpretarem jogo e brincadeira de maneiras diferentes. Apesar de parecerem a mesma coisa, ou algo muito próximo há distinção de um termo e outro, e não podemos generalizar na hora de usá-los.

Quando a criança brinca, ela se diverte, surpreende os outros e a si mesma, se alegra, aprende. Esse é um ponto importante, ela aprende porque expressa necessidades enquanto brinca, descobre a si, os outros e o mundo. Mas esse brincar é brincadeira ou pode ser jogo?

Kishimoto (2000) relata que para Huizinga o jogo é prazeroso, não-sério, livre, fora do cotidiano, fictício, representativo, ilimitado e regado e, Fromberg inclui como característica o simbolismo, a significação, o caráter voluntário ou motivado e episódico (desenvolvimento espontâneo).

Uma das características mais marcantes do jogo é a existência de regras e isso é fundamental para distingui-lo da brincadeira. Por exemplo, o xadrez, futebol, dama, baralho e dominó. O que eles têm em comum? Regras!

Os jogos também podem ser resultado de um sistema lingüístico social, no qual fatos ou atitudes darão significado aos termos utilizados no cotidiano daquele grupo social ou naquele contexto. O jogo também pode estar associado diretamente a um objeto, por exemplo, o jogo de xadrez é pautado em um tabuleiro e as peças diferenciam de material, podendo ser de madeira, vidro, etc.

Mas há divergências para conceituar o jogo, dependendo da diversidade cultural e da interpretação, como aponta Kishimoto (2000) “uma mesma conduta pode ser jogo ou não-jogo em diferentes culturas, dependendo do significado a ela atribuído” (p.15). Por exemplo, para uma determinada cultura, uma atividade é considerada trabalho ou ação diária que tem um objetivo que não está vinculado ao brincar, mas quando outra cultura observa tal ação, considera aquilo um jogo ou uma brincadeira. Sendo assim para uns o jogo é considerado uma brincadeira, desprovida de regras e para outros, que brincam com o jogo dentro de outro contexto, é visto como um jogo regado, com objetivos específicos. Por essa razão é complicado definir jogo, pois é um conceito que varia por diversas razões.

Para Oliveira (2005), a brincadeira permite que a criança crie, expresse criatividade, explore, imagine, fantasie, se torne autônoma e represente. Uma brincadeira extremamente importante é o faz-de-conta, pois por meio dela a criança tenta compreender a realidade, pois imita as coisas que acontecem ao seu redor; uma das brincadeiras mais comuns de faz-de-conta são as meninas brincando de mamãe e filhinha, inclusive nesse tipo de brincadeira, a emoção e o sentimento são expressos fortemente, pois a criança representa as experiências vivenciadas e imita o que vê. Assim, observar a criança brincar é uma maneira de detectar o que se passa em sua família.

Para Andrade e Marques (2003) é por meio da brincadeira que a criança compreende o mundo e se desenvolve e por meio de um olhar transformador para o objeto, ela o transforma em brincadeira. Quando se trata de objeto, vale lembrar que para as crianças menores, a brincadeira se dá inicialmente com a presença de um objeto, e conforme ela se desenvolve, pode brincar com diversas coisas e representar um objeto ausente, ou mesmo brincar sem a utilização de um objeto.

Kishimoto e Pinazza (2007), ao discutir sobre as proposições froebelianas em relação à brincadeira comentam que para Froebel a brincadeira possibilita que o bebê compreenda conceitos e conheça o próprio corpo, sendo a mãe, a primeira pessoa que o bebê tem contato e por isso ao brincar com a criança faz com que ela aprenda.

O brinquedo é um objeto utilizado com a finalidade de brincar, seja em uma brincadeira, seja em um jogo. Kishimoto (2000, p.18) diz que “o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso, ou

seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”. Ainda segundo a autora, “o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade” (p.18) e não exige habilidades, como acontece com o jogo.

Defendemos que tanto a brincadeira quanto o jogo permitem que a criança se relacione com o outro e possa se comunicar; assim ela toma decisões e se torna autônoma. Ambos envolvem afeto, motricidade, linguagem, percepção e memória, favorecem o equilíbrio e a compreensão de regras da vida cotidiana.

Diante do exposto, percebemos que alguns autores como Kishimoto (2000, 2003, 2007), Froebel (1782-1952), Vygotsky (1998), Oliveira (1988, 2002, 2005), dentre outros, falam da importância do jogo e/ou brincadeira para o desenvolvimento da criança. Neste sentido, os aspectos lúdicos podem ser muito úteis na educação de crianças, pois é uma maneira que ela se mostra interessada e concentrada.

Desse modo, os professores podem usar isso a favor da educação, porém, devem ficar atentos para não tornar as atividades lúdicas impostas, pois dessa forma não estariam atingindo o objetivo de favorecer o desenvolvimento das crianças que freqüentam a educação infantil, uma vez que podemos subdividir as atividades lúdicas em: direcionada significativa ou direcionada com característica de imposição, esta última não é favorável para o desenvolvimento da criança, pois ela não irá se apropriar da atividade como brincadeira e inibirá sua ação.

CAPÍTULO 2

AS CONTRIBUIÇÕES DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No capítulo anterior apresentamos uma retomada histórica acerca da criança, infância, lúdico, jogo e educação. Percebemos que ao longo dos séculos inúmeras mudanças ocorreram a respeito dos assuntos, e que para se ter a consideração que temos nos dias atuais, defendendo que o brincar é importante para o desenvolvimento da criança, foram necessários muitos estudos, os quais são recentes.

Neste segundo capítulo iremos focar a importância do brincar no espaço de educação infantil. Por isso, consideramos muito importante fazer anteriormente uma retomada histórica das cinco categorias citadas acima para se ter conhecimento de que o brincar na infância não é uma ação sem significado, apesar de ter sido visto desta maneira por muitos séculos.

As transformações sociais ao longo da história proporcionaram mudanças a respeito das categorias apresentadas e, para se compreender a importância do brincar foi necessário fazer uma análise histórica. Com tal análise, percebemos que a criança demorou séculos para ser notada pelo adulto como um ser de direitos, já que suas necessidades não eram atendidas, e por muitos anos, a mortalidade era comum.

Sendo assim, ao longo da retomada histórica, estudamos a questão da criança, da infância e do lúdico para chegarmos ao conceito do brincar e ainda, termos condições de relacioná-lo com a educação, aspecto também analisado historicamente.

Abordamos ainda que a questão do brincar é mais ampla do que se parece, pois engloba aspectos como o jogo, a brincadeira e o brinquedo. Pelo fato desses termos serem facilmente confundidos, fizemos uma breve diferenciação deles, pois para entendermos a importância do brincar na educação infantil, foi necessário buscar e explorar os conceitos que envolvessem esse questionamento.

Tomando como base as ideias abordadas, neste capítulo, discutiremos autores que abordam a questão do brincar, sua importância para o

desenvolvimento infantil e no contexto educativo. Para isso, gostaríamos de começar essa discussão respaldando-nos na proposta de Vygotsky, que discute o aprendizado infantil baseado na interação.

Escolhemos esse referencial teórico por acreditarmos que o desenvolvimento infantil e a aprendizagem da criança são beneficiados com a interação social, o relacionamento com o outro e por meio de estímulos, e as propostas de Vygotsky fundamentam essa compreensão. Por isso, nos identificamos com esse autor e decidimos estudá-lo um pouco mais. Além disso, muitos outros autores que estão presentes em nossas discussões, também se apóiam nas propostas vygotskianas.

Dessa maneira, escolhemos Vygotsky para defender a importância das relações sociais, pois o espaço de educação infantil é, hoje em dia, o local onde as crianças passam grande parte do seu tempo, e neste local elas estão em constantes relações, tanto com as outras crianças quanto com diferentes adultos; e é nesse espaço que ela está sendo educada, tanto no aspecto intelectual quanto no moral e cognitivo. Por isso, esse ambiente deve ser estimulador, pois como a criança passa grande parte do seu tempo nele, é lá que ela adquire conhecimentos a respeito de si mesma e do mundo.

Segundo Vygotsky² a criança apresenta em seu raciocínio alguns pontos em comum com o pensamento do adulto. Assim explica:

[...] o papel dominante da experiência social no desenvolvimento humano [...] a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular. [...] A criança, à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende (VIGOTSKI, 1998, p.29).

Percebemos assim que a criança não se desenvolve sozinha, as relações com outras pessoas, em especial o adulto, a fazem amadurecer, conhecendo e compreendendo o mundo em que vive. Ela usa como modelos as

² Ao longo do trabalho estaremos utilizando o nome Vygotsky com a letra Y, por estarmos analisando as ideias do autor por intermédio de outras obras, porém nas citações extraídas da obra do autor, a qual encontra-se nas referências o nome está escrito com a letra I (Vigotski) referenciado com a data de 1998.

pessoas do seu cotidiano, e conforme adquire novos conhecimentos esses modelos mudam ou são acrescentados novos, somando aprendizagens.

O autor ressalta a importância da imitação:

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas (1998, p.115).

Essa questão da imitação complementa a citação anterior a respeito dos modelos, pois percebemos facilmente crianças em suas brincadeiras, representando personagens do seu cotidiano. Dessa forma ela escolhe um modelo e o imita; ela está sempre observando o comportamento do adulto ou de outras crianças e assim adquire novos saberes.

Vygotsky (1998, p.33) discute que a criança para se apropriar de novos conhecimentos utiliza a fala e que é por intermédio desta que ela controla o ambiente em que está inserida para depois controlar o próprio comportamento.

Se repararmos nas crianças imitando outras pessoas em suas brincadeiras, é fácil perceber que elas utilizam a fala para representar um papel, e será a partir dessa representação que ela irá aprender e descobrir do que se tratam algumas ações que a cercam. Assim, ela manipula sua brincadeira para posteriormente significar seu comportamento.

O autor discorre a respeito da aprendizagem e relata: “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas” (1998, p.108). Ele especifica ainda que a criança não aprende somente quando entra na escola e sim, muito antes, desde que nasce, porque o aprendizado está relacionado ao desenvolvimento desde o seu nascimento e “qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defrontar na escola tem sempre uma história prévia” (1998, p.110).

Nessa abordagem da aprendizagem Guerra (2000) relata que para Vygotsky

[...] a trajetória do desenvolvimento humano é caracterizado pelo processo através do qual o indivíduo apropria-se das formas culturais. É tido como um processo sócio-genético, porque tem

origem nas relações sociais [...]. Para Vygotsky, as crianças já nascem inseridas num contexto sociocultural e, na interação com os outros, apropriam-se do que foi produzido e acumulado historicamente pelas gerações anteriores (p.79).

A autora relata ainda que de acordo com Vygotsky, há a necessidade de se valorizar os conhecimentos espontâneos e que a escola

[...] teria papel fundamental na articulação dos conhecimentos espontâneos com os conhecimentos científicos, o que favoreceria a aquisição de conhecimentos sistematizados. A importância atribuída às relações sociais ressalta a necessidade de serem consideradas as interações e a qualidade das mediações, para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento no processo de escolarização (p.81).

Placco (2002), também apoiada em Vygotsky, complementa:

[...] as interações tem repercussão significativa na aprendizagem e no desenvolvimento dos sujeitos delas participantes. Segundo esse autor, nas e pelas interações, internalizamos os produtos da cultura (crenças, valores, conhecimentos - apropriamo-nos deles, tornando-os nossos...) (p.10).

O próprio Vygotsky (1998, p.118) enfatiza a relação aprendizado e desenvolvimento, porém distingue esses termos dizendo “aprendizado não é desenvolvimento”, porém pode resultar em desenvolvimento.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança (VIGOTSKI, 1998, p.117-118).

Vinculando essa relação da aprendizagem com o brincar podemos citar Vygotsky:

Definir o brinquedo como uma atividade que dá prazer à criança é incorreto por duas razões. Primeiro, muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas [...], segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como por exemplo [...] jogos que só dão prazer à criança se ela considerar o resultado interessante (1998, p.121).

O autor critica teorias e/ou filósofos que não levam em consideração que o brincar é uma necessidade da criança. Sem compreender essa necessidade, não é possível entender os processos de mudanças que ocorrem no desenvolvimento dos pequenos.

Oliveira (1988) relata:

Vygotsky considera que a criança muito pequena está limitada em suas ações pela restrição situacional, desde que a percepção que ela tem de uma situação não está separada da atividade motivacional e motora. Todavia, na brincadeira, os objetos perdem sua força determinadora sobre o comportamento da criança, que começa a poder agir independentemente daquilo que ela vê, pois a ação, numa situação imaginária, ensina a criança a dirigir seu comportamento não somente pela percepção imediata dos objetos ou pela situação que a afeta de imediato, mas também pelo significado dessa situação (p.44).

Dessa forma, podemos perceber que as relações sociais influenciam o comportamento e a aprendizagem da criança, e que o adulto desempenha um papel importante na mediação dos conhecimentos. Percebemos também, que o brincar é um agente complementar para essa aquisição de conhecimentos, pois proporciona desenvolvimento cognitivo, motor, intelectual e social.

Podemos voltar à autora, que explica:

A chave para toda a função simbólica da brincadeira infantil é, portanto, a utilização pela criança de alguns objetos como brinquedos e a possibilidade de executar com eles um gesto representativo. Desta maneira, os jogos, assim como os desenhos infantis, unem os gestos e a linguagem escrita (OLIVEIRA, 1988, p.45).

Gostaríamos de complementar dizendo que normalmente a criança pequena satisfaz seus desejos rapidamente e que a relação desta com o objeto é direcionada pelo próprio objeto, o que muda com o decorrer dos anos.

É enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança. Para uma criança com menos de três anos de idade, é essencialmente impossível envolver-se numa situação imaginária, uma vez que isso seria uma forma nova de comportamento que liberaria a criança das restrições impostas pelo ambiente imediato (VYGOTSKY, 1998, p.126).

O autor continua salientando que “na idade pré-escolar [...] o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas” (VYGOTSKY, 1998, p.128).

Oliveira (1988) comenta que para Vygotsky a brincadeira de faz-de-conta é muito importante, de maneira que a criança desenvolve a representação, a imaginação, o simbolismo, a fala, distingue real e imaginário, valoriza as regras, dentre outros aspectos. Deste modo comenta:

Discutindo como a brincadeira se relaciona com o desenvolvimento, Vygotsky coloca que o comportamento da criança nas situações do dia-a-dia é, quanto a seus fundamentos, o oposto daquele apresentado nas situações de brincadeira. Esta cria uma zona de desenvolvimento proximal da criança, que nela se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário. A brincadeira fornece, pois, ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência, criando um novo tipo de atitude em relação ao real. Nela aparecem a ação na esfera imaginativa numa situação de faz-de-conta, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e das motivações volitivas, constituindo-se, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar (p.45).

A respeito da zona de desenvolvimento proximal, podemos citar Vygotsky, o qual define este conceito como:

[...] a distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (1998, p.112).

Acreditamos que a zona de desenvolvimento proximal nos permite observar comportamentos de crianças que possuem ações superiores às suas idades, uma vez que, estando em contato com demais crianças ou adultos, a criança se desenvolva ainda mais. É extremamente importante o contato com brinquedos, brincadeiras, jogos, enfim, diversas atividades lúdicas que valorizem a infância, e promovam a aquisição de novos conhecimentos. O ato de brincar pode ser então entendido como uma maneira complementar de ensinar a criança.

A partir das considerações a respeito de Vygotsky, gostaríamos de abrir um espaço para expor o que alguns autores trazem em relação ao brincar, o que ele proporciona e desenvolve.

Queiroz (2006) relata que a infância é marcada pelo brincar e “A brincadeira permite à criança vivenciar o lúdico e descobrir-se a si mesma” (p.169) e que possibilita o desenvolvimento global e “incentiva a relação entre os pares” (p.170). A autora se apóia em Kishimoto e Vygotsky, valorizando o faz-de-conta, pois é por meio da imaginação e fantasia que “a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos” (p.172).

Associam o lúdico ao brincar por promover imaginação e movimento Frisão e Bortoluzzi (2004). Afirmam que quando a criança brinca ela se organiza em função da ação; socializa pensamentos, se desenvolvendo intelectualmente; desenvolve a afetividade, inclusive para com o professor.

Ligoski e Bortoluzzi (2004) debatem sobre a importância dos objetos, os quais são sempre utilizados pela criança, podendo ser explorado, transformados e compreendidos, dentre esses objetos, citam o jogo. Elas afirmam que o jogo pode ser usado como “recurso de aprendizagem que permite o levantamento de problemas e a descoberta de soluções” (p.58).

Por sua vez, Kishimoto (2003) realça a importância da imitação, pois esta possibilita compreender a realidade, e que o uso de objetos e sua transformação auxiliam a aprendizagem. Mostra que o jogo ainda desenvolve a curiosidade e favorece a aquisição de conhecimentos.

Silva (2001) acrescenta o desenvolvimento da espontaneidade, convivência, capacidades, dedicação, organização, autoconfiança e o desenvolvimento social proporcionados pelo brincar. A autora, em diversas considerações, se apóia em Vygotsky, como podemos perceber no seguinte trecho:

Vygotsky [...], ao discutir o papel do brinquedo, refere-se especificamente à brincadeira de faz-de-conta [...]. Também, faz referência a outros tipos de brinquedo, mas a brincadeira de faz-de-conta é privilegiada em sua discussão sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento, proporcionando capacidades de representação simbólica e de se envolver em situações imaginárias (p.33-34).

Baseados nessas considerações, verificamos que cada autor apresenta considerações a respeito do brincar, e se analisarmos todos os aspectos que o brincar pode proporcionar teremos um grande número de qualidade que podem ser desenvolvidas na criança, simplesmente brincando.

Para explicitar a importância do brincar podemos ainda, citar Silva (2001):

Se a criança é estimulada a usar brinquedos desde bem pequena [...] ela terá maior oportunidade de ampliação de horizontes. Crescerá com menos rigidez e maior flexibilidade, conseguindo ter opinião própria e vendo as coisas de diversos e inusitados ângulos. Assim ela terá liberdade para sentir-se à vontade para arriscar, buscar suas próprias soluções, traçando seus caminhos com autoconfiança, imaginação e criatividade (p.36).

Prosseguindo, a autora relata: “Vygotsky ainda coloca que além de ser uma situação imaginária, o brinquedo é também uma atividade regida por regras. Mesmo no universo do faz-de-conta há regras que devem ser seguidas” (p.41). Ela explica que o comportamento de uma criança pode parecer superior à sua idade graças às brincadeiras com regras, pois muitas vezes ela usa de modelo um adulto para a brincadeira, o que a leva a agir como tal modelo.

Já Ligoski e Bortoluzzi (2004) relatam:

É na infância que os processos expressivos manifestam-se com maior espontaneidade. Nesta etapa a afetividade, a fantasia e a sensibilidade são elementos importantes na vida infantil, auxiliando a criança a melhor situar-se frente aos desafios do mundo real (p.58)

Queiroz (2006) complementa:

A importância do brincar para o desenvolvimento infantil reside no fato de esta atividade contribuir para a mudança na relação da criança com os objetos, pois estes perdem sua força determinadora na brincadeira [...] a criança pode dar outros sentidos aos objetos e jogos, seja a partir da sua própria imaginação, seja na trama de relações que estabelece com os amigos... (p.172).

A partir dessas considerações sobre o brincar, percebemos que diversos autores defendem sua importância, assim como nós. Diante dessas pesquisas realçamos que o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil e que o adulto tem importância nesse processo. Sendo assim, explicaremos a importância da professora, educadora ou profissional de educação infantil, para o desenvolvimento da criança por meio do brincar.

Ao discutir o papel do adulto no direcionamento do brincar Pereira (2002) evidencia que se este “tem o brincar em seu cotidiano, o contato e vínculo com as crianças, provavelmente, serão mais próximos” (p.9). Por isso, ressaltamos a importância do profissional de educação infantil ter consciência de que o brincar é importante para ela, e ainda, que será o responsável pelo acompanhamento daquela por um longo período. Sendo assim, precisa ter um bom relacionamento com a criança e, trabalhar de maneira lúdica aumentando o vínculo entre eles, uma vez que, a criança se identifica com quem está próximo dela, com quem faz o que ela gosta de fazer. Por isso o professor deve permitir que a criança brinque e ainda, deve brincar com ela com objetivos bem definidos, pois o brincar pelo brincar apenas não se consubstancia uma atividade pedagógica. O autor fala ainda do brincar como um meio de desenvolvimento da criança como um todo, e ainda, que ela brinca em qualquer lugar, “Em casa ou na rua, a criança está alerta e aberta para qualquer tipo de realidade que provoque nela o ‘estado lúdico’” (p.8).

Se pensarmos no desenvolvimento da criança, como já foi dito anteriormente, ela se espelha muito no adulto. Dessa maneira, o adulto é tanto um modelo quanto um colaborador para o desenvolvimento infantil e na nossa sociedade, na qual a criança passa a maior parte do seu tempo em creches e pré-escolas, o adulto que mais a acompanhará é a professora.

A criança se identifica com os adultos que ela se sente mais próxima, que parece ter algo em comum, e esse é um aspecto que permite maior aproximação entre professora e criança. Trabalhar de maneira lúdica pode provocar aproximação com a criança, estabelecer laço de afetividade e aos poucos confiança, atenção e respeito.

É nesse aspecto que surge a dúvida de como trabalhar de maneira lúdica. Os profissionais da educação infantil devem ter clareza de que o lúdico não é simplesmente deixar a criança brincando livremente e sim, permitir que ela desenvolva uma atividade pedagógica de maneira mais livre, e que ela possa transformar esta em brincadeira.

Utilizar a brincadeira para ter a atenção da criança, é uma estratégia de trabalhar o lúdico na instituição educativa, pois muitas vezes, proporciona melhor desenvolvimento cognitivo. Cória-Sabini e Lucena (2004) explicam: “[...] as brincadeiras usadas na situação escolar podem criar condições para a criança

avançar no seu desenvolvimento cognitivo, porém elas precisam ser cuidadosamente planejadas pelo professor” (p.41).

As autoras abordam um assunto muito importante: o planejamento. Este não se faz necessário apenas para o desenvolvimento de uma aula e as autoras mostram que quando a professora quer fazer brincadeiras para ajudar o aluno, tal atividade também deve ser planejada, pensada previamente e bem organizada, inclusive porque “permitem ao professor verificar qual o nível de domínio que a criança tem dos conteúdos curriculares e planejar as atividades necessárias para fazê-la avançar” (p.41).

Como o papel da professora deve ser de incentivadora e colaboradora, as brincadeiras propostas devem aguçar a curiosidade da criança e “seu papel será o de orientar a criança a descobrir todas as possibilidades oferecidas pelos jogos, de pensar juntos, porém respeitando o momento de aprendizagem dos alunos” (CÓRIA-SABINI E LUCENA, 2004, p.42). Quando as autoras falam do papel de orientar, explicam que o conhecimento construído pela criança não será o mesmo esperado pela professora, por isso ela não terá certeza dos resultados da atividade. Nesse aspecto podemos citar Queiroz, Maciel e Branco (2006):

Cabe ao professor, como adulto mais experiente, estimular brincadeiras, ordenar o espaço interno e externo da escola, facilitar a disposição dos brinquedos [...]. Outras formas de intervenção podem ser propostas [...], mas só como incitações, nunca obrigações, deixando-as tomarem a decisão de se engajarem na atividade (p.176-177).

Paschoal e Mello (2007) acrescentam:

[...] o trabalho da educadora é: enriquecer a experimentação das crianças e o espaço com objetos diferentes; ensinar as crianças a resolver os conflitos que surgirem; além de observar, registrar e documentar a experiência vivida pelas mesmas nos jogos e brincadeiras, com o objetivo de aprender cada vez mais sobre o brincar infantil, desenvolvendo sempre esse brincar (p.48).

As autoras demonstram que a professora ou educadora tem diversas funções na ação com a criança, visando seu desenvolvimento, e mais além, explicam que apesar de o brincar ajudar na aprendizagem das crianças, não

significa “que devemos instrumentalizar o brincar, ou seja, transformar o brincar em atividade pedagógica que engessa o fazer livre da criança” (p.49). Essa ideia reforça a necessidade de ocorrer uma ação sistematizada que considere o brincar nessa perspectiva, justificando a importância do planejamento das atividades lúdicas. Outra função do professor é ser um agente participativo das brincadeiras infantis para poder conhecer melhor seus alunos, sendo a observação de suas ações muito valiosa. Sobre isso Queiroz, Maciel e Branco (2006) discursam:

O professor também pode brincar com as crianças, principalmente se elas convidarem [...] deve procurar ter o máximo de cuidado respeitando sua brincadeira e ritmo [...] é preciso muita sensibilidade, habilidade e bom nível de observação para participar de forma positiva (p.9).

Paschoal e Mello (2007) reforçam dizendo: “o adulto pode atuar como elemento integrante das brincadeiras, seja como observador e organizador, seja como personagem que enriquece o desenrolar da trama ou mesmo como personagem secundário” (p.50).

Dessa maneira Paschoal e Mello (2007) defendem que o adulto desempenha papel importante de cooperação com a criança, auxiliando no desenvolvimento desta. Reforçam também a relevância de se empregar as brincadeiras nos centros de educação infantil, pois defendem que através da brincadeira “a criança compreende melhor o mundo dos adultos, constrói novos conhecimentos, a sua própria personalidade e inteligência” (p.50-51).

De acordo com todos os autores analisados, temos argumentos para defender a importância do adulto na proposição e no encaminhamento das atividades lúdicas que podem interferir positivamente no desenvolvimento da criança. Acreditamos que o educador da educação infantil tem um papel muito importante nessa etapa da vida infantil, pois ela acompanha a criança diariamente e dessa maneira, pode auxiliar e contribuir para a aprendizagem dos pequenos. Entendemos que a professora deve estar preparada para facilitar a aprendizagem da criança, de maneira que esta tenha significado, mas para isso deve estar atenta para trabalhar de maneira lúdica, objetivando sempre uma ação de qualidade que colabore para o desenvolvimento de suas crianças.

Para ilustrar a importância do lúdico e da professora no desenvolvimento infantil, citaremos uma experiência de estágio vivenciada no curso

de Pedagogia, no estágio não-obrigatório. A situação presenciada aconteceu em uma sala de educação infantil com crianças de 5 anos de idade. A professora deu uma atividade de matemática após a aula de artes, na qual as crianças brincaram com massinha de modelar. Elas estavam bem agitadas e a professora foi conversando sobre o que tinham feito com as massinhas para acalmá-las, pois percebeu que simplesmente começar com a atividade de matemática não daria certo. Então, pediu que todas as crianças sentassem no chão em círculo, continuou dialogando sobre a atividade feita na aula anterior, colocou diversos objetos da sala e das crianças no centro da roda e, para iniciar o conteúdo de matemática, começou a somar os objetos dizendo: “Cauã tem oito cadernos e seu amigo Ihe deu mais dois. Com quantos Cauã ficou?” Sempre os questionamentos eram feitos às crianças e a professora esperava até elas responderem. Após a resposta ela ia ao quadro e fazia a conta com os numerais. Ao longo da aula, eram as próprias crianças que formulavam as somas e iam escrevê-las no quadro. No final da aula, a professora disse que elas iriam fazer contas de somar brincando, deu o jogo pega-vareta e quando este acabou, pediu que contassem a ela quantas varetas cada um pegou e quantas tinham no jogo todo.

Essa estratégia lúdica utilizada pela professora auxiliou muito alguns alunos a compreenderem a adição, tanto que ela acabou comentando que um aluno não havia demonstrado compreensão da adição na aula anterior, e este se saiu muito bem com as brincadeiras, aumentando a própria confiança na atividade.

Dessa maneira, exemplificamos o auxílio do lúdico no processo de aprendizagem na educação infantil, uma vez que as crianças gostam de atividades lúdicas e assim, estas podem ser utilizadas como uma estratégia em sala de aula.

A partir dessas considerações, verificamos o valor de existir no espaço da educação infantil ações lúdicas que contribuam para o desenvolvimento da criança, sendo de extrema importância o papel do professor no planejamento e no encaminhamento dessas ações, pois acreditamos que seja essencial ocorrer nesse espaço interações sociais, as quais permitirão a criança estar avançando em seu nível cognitivo. Por este motivo, nos apoiamos em Vygotsky, por ele destacar a relevância da relação com o outro.

Considerando esses aspectos e tudo que foi abordado ao longo do trabalho tivemos condições de discutir as contribuições do brincar para o

desenvolvimento infantil, de maneira que os autores analisados nos permitiram compreender melhor a importância do lúdico para as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da curiosidade sobre o brincar na educação infantil, percebemos que essa ação é algo valioso na vida da criança, podendo e devendo ser explorado no ambiente pré-escolar, pois a brincadeira promove, por exemplo, o desenvolvimento da fantasia, autonomia, criatividade, imaginação, além de ajudar no desenvolvimento motor e cognitivo. Então, por meio das pesquisas feitas ao longo do trabalho, pudemos explorar diferentes autores que nos permitiram compreender a importância do brincar para a criança e assim expor tais ideias.

Neste estudo foi muito importante contextualizar a criança, a infância, o lúdico, o jogo e a educação em diferentes momentos, já que adquirimos novos conhecimentos sobre o assunto, além de compreender melhor tais categorias, pois não tínhamos consciência de que demorou tantos séculos para que a criança e sua infância fossem valorizadas pela sociedade, assim como o jogo; mesmo que ele tenha sido discutido na Antiguidade, o que ficou marcado é que somente nas últimas décadas ele realmente ganhou importância. Quanto a essas mudanças ocorridas, não somente a respeito do jogo como das outras categorias, pudemos perceber que as concepções sobre um mesmo assunto diferem em diferentes momentos históricos, pois em cada época havia um ideal de homem e sociedade e esses ideais variam de acordo com as mudanças que ocorrem ao longo dos tempos, sejam políticas, econômicas ou sociais. Essas transformações configuram os novos ideais e conceituam e reconceituam concepções. Dessa forma, percebemos porque as concepções que apresentamos variam ao longo dos séculos.

Toda essa análise das concepções nos deu subsídio para aprofundar nosso assunto de interesse, o brincar. Analisando-o, percebemos a importância de pensar sobre ele, pois quando compreendida sua relevância na vida diária da criança, foi possível relacioná-lo à educação, uma vez que no ambiente de educação infantil, atividades lúdicas são (ou deveriam ser) comuns para as crianças, já que gostam de brincar, sentem prazer nisso. Dessa forma, utilizar algo sensível a ela para auxiliar na sua aprendizagem torna-se um recurso muito rico. Mas essa tarefa não é simples, exige comprometimento e atenção do profissional que estará com a criança.

Simplesmente deixar a criança brincando não significa aplicar uma atividade lúdica. Fazer todas as atividades de rotina da criança utilizando a brincadeira nem sempre será proveitoso. Para trabalhar com a criança de maneira lúdica é necessário planejamento, pois não é uma simples brincadeira; há conceitos a serem aprendidos e objetivos a serem alcançados. Por isso, o profissional que irá atuar na educação infantil deve ter consciência do que é importante para a criança, planejar como ele irá aplicar atividades lúdicas e o significado que estas deverão ter para seu aluno.

Foi pensando nesse último aspecto que realizamos a pesquisa, uma vez que para se compreender a relevância do brincar na vida da criança é preciso estudá-lo. Por meio desse trabalho adquirimos conhecimentos complementares ao curso de pedagogia, uma vez que a educação infantil é nossa área de interesse. Sendo o brincar um assunto polêmico, porque muitos pais (e professores) não compreendem o que isso significa na vida da criança. Defendemos que as crianças devem ter espaço para brincadeiras livres, objetivando a aprendizagem. Assim, utilizando essa ação tão significativa, podemos aprimorá-la de maneira a auxiliar no aprendizado escolar dos pequenos.

Para finalizar, salientamos que o brincar é importante para a criança, em qualquer etapa de seu desenvolvimento, e por isso deve estar presente no espaço da educação infantil, sendo utilizado como um recurso a mais no processo ensino-aprendizagem, desde que seja realizado conscientemente e de modo bem planejado, visando sempre o desenvolvimento pleno da criança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyrce; MARQUES, Francisco. Brinquedos e brincadeiras: o fio da infância na trama do conhecimento. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (Orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p.37-74.

ARIÈS, Philippe. **História social da família e da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.

BERUTTI, Flávio. **Tempo e Espaço**: “Unidade 3 – A Antiguidade Ocidental: A Grécia”. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2002.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CÓRIA-SABINI, Maria Aparecida; LUCENA, Regina Ferreira de. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

DEBESSE, Maurice; MIALARTET, Gaston. (Orgs.). **Tratado das ciências pedagógicas 2**: história da pedagogia. Trad. Luiz Damasco Penna e J. B. Penna. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

FRISÃO, Claudete; BORTOLUZZI, Sara Dagios. A importância do lúdico no desenvolvimento afetivo, intelectual e social da criança. **Revista Pedagogia em Questão**, Frederico Westphalen, v. 2, n. 2, p.49-56, 2004.

GUERRA, Clarisa T. Conhecimento psicológico e formação de professores. In: AZZI, R. G.; BATISTA, S. H. de; SADALLA, A. M. F. de A. (Orgs.). **Formação de professores**: discutindo o ensino de psicologia. Campinas, SP: Alínea, 2000. p.69-95.

HENRIQUES, Helena Castanheira; ALMEIDA, Conceição. O lúdico nas aritméticas do século XVI. In: **História do Ensino da Matemática em Portugal**. Lisboa: Secção de Matemática da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2005. p.141-148.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. Froebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: OLIVEIRA-FORMOZINHO, Júlia; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M. A. **Pedagogia(s) da Infância**: Dialogando com o passado: construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p.37-63.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo em educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LIGOSKI, Ivone Ana Odorcick; BORTOLUZZI, Sara Dagios. A importância do jogo na construção do conhecimento nas séries iniciais. **Revista Pedagogia em Questão**, Frederico Westphalen, v. 2, n. 2, p.49-56, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de M. R. de. L. S. Vygotsky: Algumas idéias sobre desenvolvimento e jogo infantil. **Idéias**, São Paulo, n. 2, p.43-46, 1988.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. A brincadeira e o desenvolvimento da imaginação e da criatividade. In: _____ **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p.157-163.

_____ Novos tópicos na história da educação infantil no Brasil. In: _____ **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 107-120.

_____ Os primeiros passos da história da educação infantil no Brasil. In: _____ **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002. p. 91-105.

PASCHOAL, J. D.; BATISTA, C. V. M.; MORENO, G. P. (Orgs.). **As Crianças e suas Infâncias**: o brincar em diferentes contextos. Londrina: Humanidades, 2008.

PASCHOAL, J. D.; MELLO, S. A. A importância dos jogos e das brincadeiras na infância. In: PASCHOAL, J. D. (Org.). **Trabalho pedagógico na educação infantil**. Londrina: Humanidades, 2007. p.41-133.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. Brinquedos e infância. **Revista da Criança – do professor de educação infantil**, Belo Horizonte, n. 37, p.7-9, nov. 2002.

PESSOTI, Isaías. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1933.

PLACCO, Vera Maria Nigro S. Relações interpessoais em sala de aula e desenvolvimento pessoal de aluno e professor. In: ALMEIDA, Laurinda R.; PLACCO, Vera M.N. (Org.). **As relações interpessoais na formação de professores**. São Paulo: Loyola, 2002. p.7-19.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de et al. Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia, Caderno de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, p.169-179, maio/ago. 2006.

QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCO, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 34, maio/ago. 2006. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200005 >. Acesso em: 20 jan. 2010.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

SILVA, Marli Teresinha. Brinquedo: função educativa no desenvolvimento humano. **Poiésis, Revista Científica em Educação**, Tubarão, v. 3, n. 5/6, p.29-44, jan./dez. 2001.

SOUZA, Rainer. **BRASIL ESCOLA**. Disponível em: < <http://www.brasilecola.com/historiag/revolucao-francesa.htm> >. Acesso em: 20 maio 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.